

A rede construcional do esquema focalizador [que só] no português brasileiro

Agameton Ramsés Justino^a

Vânia Cristina Casseb-Galvão^b

Resumo

Os sentidos da linguagem são constituídos subjetivamente nas práticas de comunicação, no âmbito de domínios semânticos e pragmáticos. Nesta perspectiva, a gramática pode ser caracterizada como uma rede de construções em constante transformação, cujas análises levam ao extremo a indissociável relação entre forma e sentido constituída no uso da língua. Por sua vez, a mudança linguística é inerente ao funcionamento da língua, ocorrendo de forma gradiente, radial e indissociável dos contextos de uso. Dessa maneira, neste artigo, tendo por base uma abordagem construcional, fundamentada nas proposições da Gramática de Construções, representada especialmente por Langacker (2009), Goldberg (1995; 2006), Bybee (2006; 2010; 2015), Traugott e Dasher (2005), Traugott (2008), Traugott e Trousdale (2010; 2013), Diessel (2015), Oliveira e Rosário (2015), dentre outros, analisamos o esquema construcional focalizador [que só] no português brasileiro contemporâneo. A focalização é uma construção, uma entidade abstrata constituída por pareamentos de forma e sentido e pressupõe os domínios da ênfase, do contraste e da intensificação de conhecimentos de mundo compartilhados pelos falantes. As construções [que só] exercem função pragmática de foco, e sua constituição decorre da junção de duas estruturas focalizadoras recorrentes na língua portuguesa. Definimos os subesquemas e os contextos de uso das microconstruções derivadas do esquema [que só] nos níveis semântico, sintático e discursivo-pragmático. São descritos, também, os graus de abstratização dos usos das focalizadoras. Os resultados demonstram superposição dos domínios da comparação e da intensificação, revelando uma espécie de superesquema focalizador no português brasileiro contemporâneo.

Palavras-chave: Gramática de Construções. Construções Focalizadoras. [Que só].

Recebido em: 28/02/2020

Aceito em: 11/05/2020

^a Departamento de Letras. Universidade Federal de Rondonópolis. Contato: agametonrj@yahoo.com.br.

^b Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás. Contato: vaniacassebgalvao@gmail.com.

Introdução

Estudos na perspectiva construcional oferecem uma grande possibilidade de análise linguística, desde os fonemas a unidades enunciativas, e desde os esquemas cognitivos de configuração mais ou menos esquemática a estruturas idiomatizadas. Nesse sentido, apresentamos os resultados da investigação acerca da rede construcional definida a partir do esquema focalizador [que só]. Esse esquema é altamente produtivo no português brasileiro contemporâneo (PBC), tanto para formar subesquemas e microconstruções de diferentes funcionalidades quanto para auxiliar a constituição estrutural e discursiva de diversos gêneros orais e escritos. Trata-se de um fenômeno cuja investigação não há precedentes em compêndios gramaticais e em publicações voltadas para a análise dos usos efetivos da língua.

O par forma e significado [que só] pode ser analisado como uma construção, haja vista que cumpre funções individuais na linearidade discursiva. Além disso, pode também ser considerado um esquema construcional, do qual derivam microconstruções com funções pragmáticas diversas, especialmente no domínio da focalização, a saber: microconstruções comparativas (1), comparativo-intensificadoras (2) e intensificadoras (3).

(1) *Pobre **que só** rato de igreja.* (MARANHÃO, 2013)

(2) *Porque mulher grávida come **que só** a moléstia.*

(https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151113_noronha_partos_cc)

(3) *A novela *Carrocel mainha*, vai ser boa **que só** hoje.* (<https://pt-br.facebook.com/BodeGaiato>)

A focalização é compreendida, na perspectiva funcionalista, como um fenômeno de natureza discursivo-pragmática, relativo ao destaque de partes do enunciado e ao realce de determinadas informações, com vistas a propósitos comunicativos específicos. A focalização é uma construção, ou seja, uma entidade abstrata, uma elaboração teórica constituída por um pareamento de forma e sentido. Sua descrição pressupõe

os domínios da ênfase, do contraste e da intensificação de conhecimentos de mundo compartilhados pelos falantes (DICK, 1997; GONÇALVES, 1998; LAMBRECHT, 1994).

Sob esse enfoque, nosso objetivo é esboçar a rede construcional do esquema das focalizadoras [que só] no PBC. Definimos os subesquemas e os contextos de uso das microconstruções derivadas do esquema [que só] nos níveis semântico, sintático e discursivo-pragmático. São descritos, também, os graus de abstratização dos usos das focalizadoras, cujos polos são as microconstruções prototipicamente comparativas e as microconstruções intensificadoras, evidenciando o imbricamento de diferentes domínios semânticos.

As bases teóricas, a constituição da rede, a descrição dos subesquemas [que só] e das microconstruções que eles derivam dão título às seções que subdividem este artigo. Nas considerações finais, enfatizamos a “mesclagem” de domínios semânticos que atribui singularidade a esse fenômeno de natureza discursivo-pragmática.

Contextualização teórica

Autores como Lakoff e Johnson (1980); Lakoff (1987); Langacker, (1987); Taylor, (1995); Tomasello, (2003), dentre outros, sustentam a compreensão de que os sentidos da linguagem são constituídos subjetivamente nas práticas de comunicação, no âmbito de domínios semânticos e pragmáticos.

Langacker (1987), por exemplo, mostra que esses domínios são responsáveis por organizar a gramática numa rede de relações de estrutura e significado. Nessa mesma direção, Taylor (1995) explica que o falante é capaz de ordenar estruturas linguísticas e simultaneamente projetar domínios semânticos adequados aos seus propósitos. Assim, as inferências, analogias, correlações e demais recursos usados na compreensão do mundo também subjazem à constituição das categorias linguísticas e à formação, manutenção e mudança dos elos entre forma e sentido das unidades linguísticas.

Tal perspectiva teórica está na base da Gramática das Construções, modelo que pressupõe a língua como uma rede de construções em constante transformação, cujas análises levam ao extremo a indissociável relação entre forma e

sentido constituída no uso da língua (LANGACKER, 2009; GOLDBERG, 1995; ERMAN; WARREN, 2000; dentre outros).

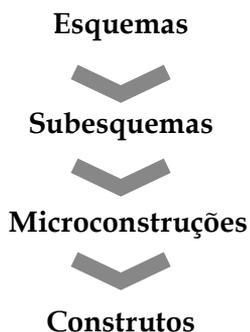
Estão compreendidas na noção de construções a generalização de padrões linguísticos e a representação da experiência cognitiva traduzida na experiência linguística. Quanto mais somos capazes de reconhecer generalizações, maior a eficiência no uso das construções e melhor nos comunicamos (GOLDBERG, 1995; 2006; BYBEE, 2006; 2010; 2015).

Bybee (2010) se reporta às generalizações cognitivas enquanto representações instanciadas na gramática e no uso, e descreve a língua como um sistema adaptativo complexo, que muda sob a influência de processos cognitivos gerais. Na sua proposta de modelo baseado no uso para análise da mudança linguística, reforça alguns dos postulados cognitivistas, dando ênfase à descrição dos processos de domínio geral que regulam a gramática.

Avançando nas discussões da Gramática das Construções, a abordagem proposta por autores como Traugott e Dasher (2005), Traugott (2008), Traugott e Trousdale (2010; 2013), Diessel (2015), Oliveira e Rosário (2015), dentre outros, traz relevantes contribuições para a descrição dos usos da língua, em especial para aquelas que envolvem a mudança linguística. Consideram-se as transformações na rede de sentidos da língua promovidas por novas construções e das quais decorrem reconfigurações de forma e/ou de sentido. A ênfase no uso permite que a análise linguística desvele a esquematicidade de uma construção, por exemplo, pela análise da gradiência da mudança em perspectiva sincrônica, bem como pelo estudo da gradação em perspectiva diacrônica, conforme explicam Traugott e Trousdale (2010).

Traugott e Trousdale (2013) reconhecem as frequências *type* (padrões sintático-semânticos) e *token* (realizações individuais dos falantes) como parâmetros importantes para aferir a esquematicidade e a produtividade de uma construção e, conseqüentemente, seus padrões esquemáticos gerais de funcionamento, desde as relações mais específicas até as relações mais abstratas entre esquemas na rede da língua. Para a compreensão da gradualidade de uma mudança linguística, os autores propõem que a construção seja descrita por meio de uma sucessão de domínios, conforme o seguinte padrão hierárquico:

Esquema 1. Padrão hierárquico na mudança Linguística.



Fonte: Adaptação de Traugott e Trousdale (2013).

Os esquemas são padrões sintático-cognitivos mais abstratos de funcionamento da língua. Por isso, consideramos que a estrutura focalizadora [que só] é um esquema e pode ser descrito a partir de subesquemas e dos demais níveis hierárquicos. Os subesquemas correspondem ao conjunto das construções com padrões sintáticos, semânticos e cognitivos semelhantes, tais como os subesquemas focalizador comparativo; focalizador comparativo-intensificador e focalizador intensificador. Cada um desses subesquemas atualiza microconstruções perfeitamente distinguíveis e analisáveis.

As microconstruções correspondem ao *type* e resultam da categorização dos *tokens*. No conjunto, por exemplo, das focalizadoras comparativo-intensificadoras, temos diversas microconstruções que, no nível da realização morfossintática, apresentam valores adverbiais distintos. Por fim, os construtos são os *tokens* de um falante em particular, o lócus da inovação e da convencionalização. O construto equivale a cada ocorrência verificada no uso da língua.

No estudo dos processos de inovação e convencionalização, duas noções são especialmente relevantes, *chunking* e *chunk*. O *chunking* está relacionado à aquisição de padrões hierárquicos de abstração gramatical, desde formas pré-fabricadas mais simples até esquemas construcionais mais abstratos e diz respeito ao entrincheiramento, à coalescência de construções, da qual resulta um *chunk*. Cada *chunk* se relaciona com outras formas abstratas na rede em sua forma ou função.

Construções focalizadoras

Para cumprir determinadas estratégias comunicativas, o falante dispõe de vários recursos discursivo-pragmáticos, entre os quais a focalização, que serve para realçar parte relevante do enunciado. O destaque a um elemento da organização linguística pode ocorrer por meio da topicalização, da prosódia, da entoação e das estruturas morfossintáticas, como as sentenças clivadas e os advérbios focalizadores (LONGHIN, 1999; 2002). O elemento focal, ou o foco, é o constituinte que carrega a informação mais saliente (NEVES, 2020).

Neste artigo, a focalização é reconhecida como um recurso construcional de realce, organizado a partir de pareamentos de forma e sentido que, na gramática, estejam a serviço da ênfase, do contraste e da intensificação de informações.

Integram o domínio da focalização no PBC as microconstruções focalizadoras [que só], esquemas de construções clivadas, microconstruções de topicalização no nível da sentença, microconstruções adverbiais focalizadoras, dentre outras que a pesquisa linguística possa vir a reconhecer (cf. JÚNIOR; ALONSO, 2016; JUSTINO, 2018).

A focalização pode incidir sobre um esquema de comparação, incidência prototípica das focalizadoras [que só], conforme depreendido na ocorrência (1), e que permanece em grau menor nos outros dois subesquemas, conforme as ocorrências (2) e (3). Por isso, a análise aqui proposta parte da hipótese de que, desse esquema, provém o contexto sintático e semântico de onde emergem os subesquemas focalizador comparativo-intensificador e o subesquema focalizador intensificador.

Esses subesquemas apresentam a configuração a seguir, sendo que S_{mat} corresponde a Sintagma Matriz e S_{dep} corresponde a Sintagma dependente:

Quadro 1. Representação dos subesquemas focalizadores [que só].

Subesquema das construções [que só]	Representação esquemática
Focalizadoras comparativas	S_{mat} <i>que só</i> S_{dep}
Focalizadoras comparativo-intensificadoras	S_{mat} <i>que só X</i>
Focalizadoras intensificadoras	S_{mat} <i>que só</i>

Fonte: elaboração própria.

Os corpora de análise

A pesquisa que gerou este artigo enfoca o PBC e é, predominantemente, de natureza sincrônica e qualitativa. Uma análise quantitativa paralela forneceu dados relativos às frequências de uso.

Por se tratar, dentre os corpora virtuais disponíveis para pesquisa em língua portuguesa (LP), de um dos mais acessíveis e com ferramentas de busca mais abrangentes, as primeiras incursões nos dados ocorreram no *Corpus* do Português¹, e forneceram informações a respeito dos subesquemas e microconstruções decorrentes do esquema construcional [que só] e das frequências *type* e *token*, razão pela qual o elegemos *corpus* controle da pesquisa.

A opção pelo PBC resultou de uma primeira busca da entrada [que + só], ocasião em que essa variedade foi confrontada com o português europeu (PE) e também se controlou o período de registro das ocorrências no lapso compreendido entre os séculos XIV e XX. Foram encontradas 2964 ocorrências. Entre as 1660 ocorrências verificadas para o PE, nenhuma representava o *chunk* em análise. Além disso, das 1304 ocorrências do PBC, 48 representavam os usos em *chunk* e se concentraram no século XX. Portanto, a partir do pressuposto de que o esquema focalizador [que só] constitui um *chunking*, procedemos, então, à verificação da frequência *token*, com vistas a distinguir os subesquemas derivados desse esquema. Os resultados estão especificados na tabela I:

¹ Conferir em: <https://www.corpusdoportugues.org/>

Tabela I: Frequências *token* de usos representativos dos subesquemas [que só] no *Corpus do Português* no PB.

SUBESQUEMA	OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
Comparativo	12	25%
Comparativo-Intensificador	29	60,5%
Intensificador	07	14,5%
Total	48	100%

Fonte: Elaboração própria.

Esses números indiciam uma maior produtividade do subesquema comparativo-intensificador, o que pode estar relacionado às propriedades sintático-semânticas e às funções discursivo-pragmático-gramaticais exercidas pelas microconstruções que ele deriva, conforme detalhado na análise.

Posteriormente, a partir da observação de que as construções [que só] são características de contextos discursivos informais, em especial entre falantes do Norte e Nordeste do Brasil, usamos a ferramenta de busca Google², como recurso de percepção da implementação dos usos na língua. Centenas de ocorrências de microconstruções representativas, em notícias, *blogs* pessoais, endereços de *Facebook*, nome de lojas, dentre outros, constituíram uma base de dados auxiliar que permitiu fazer generalizações mais precisas sobre o fenômeno.

Nessa busca, encontramos também um livro de um jornalista pesquisador da cultura popular nordestina, chamado Liêdo Maranhão. Seu livro, de nome *Que Só* (MARANHÃO, 2013), traz 635 ocorrências de frases com a microconstrução representativa do subesquema comparativo [que só], coletadas na fala popular pernambucana e em textos do cordel nordestino. Uma vez que os dados do *Corpus* do Português não foram conclusivos, esse número foi fundamental para atestar a sua grande frequência *token* na fala cotidiana, nos levar a postular a sua prototipicidade comparativa no âmbito do esquema [que só], e a considerá-la como o gatilho gerador, ou seja, como a fonte do material cognitivo e estrutural para a formação dos demais subesquemas.

A análise: construções focalizadoras [que só]

As construções [que só] exercem função pragmática de foco, e sua constituição provém da convergência de duas estruturas focalizadoras recorrentes na LP, na aproximação do marcador de foco [que] e o advérbio focalizador [só]. Pode-se considerar essa junção tanto como um processo de construcionalização, ou seja, como um novo pareamento sem qualquer possibilidade esquemática (4), que é replicada no nível da microconstrução, ou como um esquema abstrato que origina os subesquemas focalizador comparativo, focalizador comparativo-intensificador e focalizador intensificador, opção esta que dá a configuração desta análise.

² Conferir em: www.google.com.br

- (4) (...) *éh:: - carne - deixa eu ver outros pedaços que eu gosto - sim e o: o aquele negócio que faz lombo - faz lombo paulista - o lombo do boi - carne que eu acho linda linda agora - pra cozinhar haja tempo viu? - haja saco pra esperar aquilo cozinhar - demora **que só** aquela carne - eu mesma não tenho paciência não a que eu faço nunca presta muito não porque fica dura.* (CORPUS DO PORTUGUÊS, 2012)

Subesquema Focalizador Comparativo [que só]

O subesquema focalizador comparativo [que só] advém da correlação de elementos com função focal. No nível da microconstrução, essa dupla focalização instaura uma relação sintático-semântica entre os constituintes, promovendo a transferência de atributos de um elemento do sintagma dependente à direita da construção para um elemento do sintagma matriz à esquerda.

No nível da sintaxe, a microconstrução tem função conjuntiva comparativa. Conforme Neves (2010: 897) esclarece, esse tipo de elemento faz que o segundo termo de uma comparação reduza o volume da construção comparada. Nos exemplos (5), (6) e (7), a microconstrução [que só] auxilia na redução do volume do referente comparado, atribuindo-lhe ênfase e, no nível discursivo, produz o efeito de sarcasmo, um tipo de humor refinado que conjuga conhecimento compartilhado em uma determinada comunidade e, por isso, constitui também um efeito de deboche socialmente aceitável.

- (5) *O rapaz caminha lento **que só** velha devota.* (MARANHÃO, 2013)
- (6) *Ruim **que só** quem tem coragem de matar padre celebrando missa.* (MARANHÃO, 2013)
- (7) *Bate **que só** pestana de macaco.* (MARANHÃO, 2013)

No plano semântico, ocorre uma projeção metafórica que evoca uma imagem mental recorrentemente compartilhada pelos falantes:

- (8) *Bom **que só** São João.* (MARANHÃO, 2013)

(9) *Bem sentado que só Buda.* (MARANHÃO, 2013)

Dessa maneira, reforça-se em (8) e (9), respectivamente, que toda festa de São João é boa e que todo Buda está sentado. O efeito de humor provocado pela aproximação inusitada de sentidos encontra-se no pertencimento da microconstrução a um domínio textual/discursivo em que ocorre a repetição de uma representação esquemática estrutural e cognitiva dentro do sintagma [X **que só** Y]. A repetição dessa representação faz que o leitor aceite que X possa receber atributos de Y, independentemente de X e Y integrarem campos semânticos diversos.

Contribuem para a constituição de subesquema focalizador comparativo [que só] a dupla focalização, o ordenamento sintagmático e as escolhas lexicais dos falantes na composição dos termos da comparação. Tanto elementos de natureza adjetival (10), quanto verbal (11) ou mesmo oracional (12) podem ocupar a posição esquemática X, entrando no esquema de comparação evocado pelo conceito representado em Y.

(10) *Difícil que só leite de onça.* (MARANHÃO, 2013)

(11) *Anda que só mulher de padre.* (MARANHÃO, 2013)

(12) *Se acabando na cana que só caminhão de usina.*
(MARANHÃO, 2013)

Esta análise ratifica o postulado cognitivista de que a organização interna da gramática pressupõe que os usos da língua constituem uma rede significativa, decorrente das representações do mundo, e que esquemas sintático-semânticos provêm de práticas sociais e culturais atualizadas em contextos discursivos sócio-interativamente regulados.

Por isso, considerando as expectativas de sentidos (FAUCONNIER, 1994; 1997), compreendemos que a representação [X que só Y] é possibilitada por um contrato previamente acordado entre Liêdo e seus leitores³. Esse contrato é construído a partir da inferência sugerida (TRAUGOTT; DASHER, 2005) de que a microconstrução [que só] é prototípica

³ Liêdo e seus leitores são aqui uma figuração, pois este acordo se atualiza em quaisquer contextos de interlocução nos quais a construção seja usada em língua portuguesa.

e o subesquema é altamente produtivo para comparações de caráter lúdico na linguagem sertaneja.

Novas interpretações ou rearranjos formais podem ocorrer dentro do subesquema, num processo cognitivo de analogia e aproximação entre categorias, o que flexibiliza as fronteiras semânticas e estruturais, gerando mudanças linguísticas que ampliam o *type* das construções focalizadoras-comparativas, tal como exemplificado em (13), com um trecho de narrativa literária em que um personagem sertanejo diz:

- (13) *Vamos botar o velho no brinquedo, que ele dá para falar que só carretilha.* (CORPUS DO PORTUGUÊS)

Em (13), a relação entre X e Y não se limita à intensificação de um atributo do sintagma matriz. O elemento comparativo tem função adverbial que modifica o predicado do sintagma matriz: *carretilha* intensifica a carga semântica do verbo *falar*, e acrescenta informações a respeito do modo de falar, aproximando metaforicamente a função e o movimento da carretilha no mundo físico com a sequenciação e a progressão do “fio da fala” sob pressão, numa mesclagem de domínios conceptuais (FAUCONNIER, 1994; 1997).

Essa mesclagem altera a função semântica, sugerindo uma ambiguidade, um *mismatch*, um contexto ponte para a formação de um outro subesquema, o subesquema comparativo-intensificador.

Subesquema focalizador comparativo-intensificador [que só]

No subesquema focalizador comparativo ocorre a intensificação na transferência de um atributo, já no subesquema focalizador comparativo-intensificador, a intensificação não se restringe à relação entre aspectos intrínsecos da comparação. Nesse caso, a intensificação se sobrepõe à comparação e fundamenta uma relação adverbial entre as estruturas.

No *Corpus* do Português, encontramos, por exemplo, uma ocorrência em que uma personagem, ao descrever uma pessoa, diz: “*Mas é também sem-vergonha que só ele*”. Aqui, temos um intensificador formado por: [que só + ele]. Essa

expansão de domínios semânticos, da transferência de um atributo para a intensificação do referente, é determinada pelo deslizamento categorial da comparativa [que só], constituindo microconstruções a partir do subesquema [que só X].

Esse contexto sintático-semântico de transição entre as construções focalizadoras comparativas para construções focalizadoras comparativo-intensificadoras pode ser melhor compreendido a partir de uma análise das construções idiomáticas [que só a peste], [que só a gota] e [que só a moléstia].

Os nomes [peste], [gota] e [moléstia], em seu significado prototípico, designam enfermidades físicas. Todavia, os falantes perspectivizam as cenas da experiência que esses nomes designam (TAYLOR, 1995), acionando procedimentos cognitivos da memória rica e da analogia (BYBEE, 2010) e qualificam eventos ou comportamentos individuais indesejáveis. Esses usos mais abstratizados são convencionalizados e recorrentes no PBC, conforme, por exemplo, o enunciado “Aquele menino é uma peste”.

Como a rede dos usos da língua está em constante mudança e a produtividade de uma construção colabora para o aumento da sua esquematicidade, os nomes das doenças podem abranger outros domínios semânticos, de qualificadores a intensificadores. A mudança é visível, por exemplo, quando [peste], [gota] e [moléstia] integram microconstruções focalizadoras comparativas. Nesses usos, a focalização envolve transferência de atributos e também a intensificação, como se observa em: “Aquele menino é traquina **que só a peste**”.

O *chunking* produzido com as seguintes estruturas [que só a gota], [que só a peste] e [que só a moléstia] tem função focalizadora e, no imaginário popular, constitui metáforas com base nas quais enfermidades passam a significar uma medida de grandeza que pode ter por escopo elementos de significado positivo e negativo.

Assim, pela perda da composicionalidade e pela convencionalização de sentidos, [que só a peste], [que só a gota] e [que só a moléstia] têm função intensificadora, e as microconstruções que integram têm forma e função convencionalizadas em usos culturalmente cristalizados, produzindo um efeito de ênfase e ironia ao conteúdo

focalizado. Conforme se depreende das ocorrências abaixo extraídos da web⁴, vemos que essa ênfase não se restringe a frames de doenças ou eventos negativos:

Esquema 2. Construções [que só a peste]

Meu santana tá andando
Foi servido aquele chá ruim
Sou orgulhoso
Todas vêm com queijo e catupiry
Lá tinha gente



que só a peste

Fonte: Elaboração própria.

Em cada uma das ocorrências anteriores, [que só a peste] exerce simultaneamente as funções:

- i. **Focalizadora** – direciona a atenção dos falantes para um elemento ou todos os elementos do complexo informativo.
- ii. **Comparativa** – por meio da transferência de atributo entre os sintagmas aos quais se refere.
- iii. **Intensificadora** – porque reforça a carga semântica dos elementos em comparação.

Esse tipo de focalizadoras tem posição mais ou menos fixa, e ocorre no final do enunciado, como se observa em (14), (15) e (16)⁵:

(14) *Viajar pra Bonito é caro que só a peste.*

(15) *Os cara do Coritiba corre que só a gota serena.*

(16) *Além dessa túia de marcas incríveis, vai rolar música boa que só a moléstia.*

O ponto de contato entre a focalização e a intensificação no subesquema comparativo-intensificador é o lugar da representação cognitiva de onde os falantes produzem construções gramaticais abstratas a serviço da intersubjetividade, com funções discursivas e pragmáticas de compartilhamento de avaliações sobre coisas do mundo, o que pode envolver a

⁴ *Meu santana tá andando que só a peste.* Disponível em: http://www.dicasmecanicas.com/Foi_servido_aquele_chá_ruim_que_só_a_peste. Disponível em: <https://agazetadoacre.com/>

Sou orgulhoso que só a peste. Disponível em: <https://jocerodrigues.wordpress.com/>

Todas vem com queijo e com catupiry que só a peste. Disponível em: <http://orgastronomico.whosthanny.com/>

Lá tem gente que só a peste. Disponível em: <https://www.passeidireto.com>

⁵ (14) *Viajar pra Bonito é caro que só a peste.* Disponível em: <https://vamocomigo.com>

(15) *Os cara do Coritiba corre que só a gota serena.* Disponível em: <https://www.meutimao.com.br/>

(16) *Além dessa túia de marcas incríveis, vai rolar música boa que só a moléstia.* Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/>

conjunção de efeitos de ironia e humor. E, também por razões intersubjetivas, postulamos a existência do subesquema focalizador intensificador.

Subesquema focalizador intensificador [que só]

A intensificação é um expediente pragmático que envolve o compartilhamento de impressões a respeito dos estados de coisas em um determinado contexto de cultura e de situação e se reflete em estruturas linguísticas (SILVA, 2015). Barlow e Kemmer (2000) explicam esse reflexo como a abstratização de experiências do falante em estruturas linguísticas.

Por isso, é recorrente na língua que medidas de grandeza sejam representadas a partir de padrões metafóricos e metonímicos. Quando um falante de PBC, por exemplo, diz “Ele falou até umas horas”, seu interlocutor, por certo, entenderá o tempo indefinido como um recurso de intensificação da ação. Outras opções de representação abstratas são: “Ele falou até não querer mais/ ele falou mais que o homem da cobra/ ele falou pelos cotovelos”. São, portanto, recursos de intensificação as expressões idiomáticas, os usos abstratizados de tempo, espaço, distância, peso, etc, além de esquemas do tipo [Pensa num X].

As microconstruções intensificadoras de natureza prototípica são de natureza adverbial. Adjetivos também podem ser usados com essa função (severo, alto, extremo, estrondoso, absurdo, esmagador *etc.*). No nível prosódico, entonações, repetições, extensões de sílabas, interjeições e marcadores discursivos podem também codificar a intensificação (vixi, oxi, bah, arre *etc.*). Seguindo o mesmo padrão do esquema [que só], construções como [ADJ + de morrer]; [ADJ + que dói] e construções com elementos dêiticos como [para lá de X] também aumentam este rol.

Em relação ao subesquema intensificador [que só] a focalização é potencializada e no nível da microconstrução é centralizada no *chunking* (*que só*), com função prioritariamente enfática e cujo sentido é negociado no compartilhar de conhecimento de mundo entre os interlocutores, conforme a ocorrência (17).

(17) *Acho que era Space Girl o nome do site. Bené fez um monte de coisa. Eles pagam bem **que só**. (CORPUS DO PORTUGUÊS)*

As microconstruções desse subesquema ocupam prototipicamente a posição final na oração e auxiliam na produção do efeito de exagero. O falante recorre ao [que só] como um gatilho que aciona uma noção de comparação compartilhada sociointerativamente com seu interlocutor, intensificando a informação precedente.

As paráfrases em (19) e (20) exemplificam microconstruções relativas aos dois últimos subesquemas descritos, considerando-se que (18) é uma focalizadora comparativa prototípica.

(18) *O rapaz é safado que só mão de parteira.* (MARANHÃO, 2013)

(19) *O rapaz é safado que só vendo.* (paráfrase ilustrativa)

(20) *O rapaz é safado que só.* (paráfrase ilustrativa)

Em (18), a qualificação de rapaz é intensificada a partir de uma relação focal comparativa, e, por extensão metafórica, um traço semântico do atributo ao referente é realçado, assim, “mão de parteira” tem um significado estendido para representar aquele que invade a intimidade alheia. Nessa avaliação, o falante acessa a generalização cognitiva [X que só Y], a qual auxilia na produção do efeito de humor, do exagero e do inusitado.

Em (19), a microconstrução focalizadora [que só vendo] também intensifica o atributo do referente, mas, enquanto a metáfora em (18) diz respeito a atributos de coisas do mundo - *a mão que entra onde quer* -, em (19), a focalização é construída a partir da conjunção do *chunk* [que só] com um verbo de percepção, sugerindo que a exigência para a compreensão do grau de intensificação é o compartilhar de experiências sensoriais.

Por fim, em (20) o atributo do referente é implícito e a microconstrução focalizadora [que só] evoca alto grau de intensificação a um determinado referente.

Palavras finais: aproximando subesquemas

Atentamos para as especificidades discursivo-funcionais do esquema focalizador [que só], considerando-se os três subesquemas que ele deriva, as diferentes relações categoriais

estabelecidas no nível de cada subesquema e os graus de abstratização revelados nos usos que eles instanciam.

No subesquema focalizador comparativo, a generalização cognitiva [X *que só* Y] pode ser instanciada nas relações sintático-semânticas estabelecidas entre um sintagma matriz e um sintagma dependente [S_{mat} *que só* S_{dep}]. O sintagma matriz representa um atributo de coisas do mundo, eventos ou entidades, e o sintagma dependente agrega a esse atributo valores que antes não faziam parte do seu domínio semântico, ou por outra, reforça traços já existentes. Majoritariamente, o lugar do S_{mat} é ocupado por um sintagma nominal e o lugar do S_{dep} é ocupado por um sintagma adjetival. A aproximação semântica entre estes sintagmas é realizada através de uma estrutura morfossintática comparativa com função focal [que só].

No subesquema focalizador comparativo-intensificador, a generalização cognitiva é estabelecida entre um sintagma matriz e uma construção pré-fabricada, como [que só a peste], [que só a gota] e [que só a moléstia], e que ocupa o *slot* X em [S_{mat} *que só* X]. Prototipicamente, o lugar do S_{mat} é ocupado por um sintagma adjetival. A construção pré-fabricada cumpre função de intensificação, com sentidos delimitados por contextos pragmáticos informais, de aproximação sociocultural entre os falantes, ou seja, as microconstruções desse subesquema apresentam forte nuance regionalista e de informalidade. Tais propriedades justificam a grande produtividade do subesquema focalizador comparativo-intensificador em relação à frequência *type*, o que de certo modo já se ventilava nos resultados do percentual de frequência *token* explicitados na tabela I.

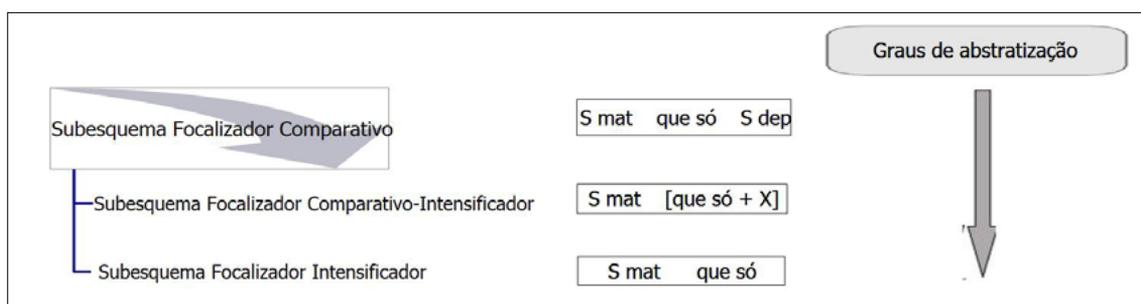
No subesquema focalizador intensificador, a generalização cognitiva é estabelecida com [que só] se especializando em função intensificadora de parte ou de todo o sintagma matriz, configurando o subesquema [X *que só*]. O *slot* X é ocupado prototipicamente por um adjetivo e o [que só] é um *chunk*, resultado do entrincheiramento de “que” e “só”. As microconstruções integrantes desse subesquema têm valor adverbial, são parcialmente composicionais e parcialmente esquemáticas.

O subesquema intensificador é o mais esquemático e menos produtivo em termos de frequência *type*, e as relações sintático-semânticas nele instanciadas estão fortemente atreladas a contextos em que os falantes compartilham

avaliações de ênfase ou ironia. A perda do atributo de comparação do S_{mat} , descrito em uma relação oracional no primeiro subesquema e adverbializado no segundo, indicia um processo de abstratização.

Considerando-se, portanto, o grau de abstratização das microconstruções relativas a cada subesquema focalizador, têm-se a seguinte representação:

Fig. 1. Representação esquemática dos graus de abstratização das focalizadoras [que só].



Fonte: elaboração própria.

Essa gradiência de abstratização entre os subesquemas tem uma natureza icônica, pois remete ao princípio de que a quantidade de material linguístico usado na descrição dos eventos corresponde ao *status* da informação compartilhada. Nesse sentido, considera-se que, num processo de expansão por analogia, houve uma esquematização gradual (BYBEE, 2010). Isso sugere que, em termos cognitivos, [X que só Y] representa um superesquema focalizador.

Além disso, outro fator relevante para a existência dessa gradiência entre os subesquemas focalizadores é a ambiguidade (*mismatch*) provocada pelas diferentes opções de uso de construções do tipo [que só].

REFERÊNCIAS

BARLOW, M; KEMMER, S (ed.). *Usage based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.

BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, v. 82, n. 4, p. 711-733, 2006.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge Press, 2015.

CORPUS DO PORTUGUÊS. In: <https://www.corpusdoportugues.org/>.

DICK, S. C. *The theory of functional Grammar*. 2. ed. By K. HENGEVELD. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, E. DIVJAK, D. *Handbook of Cognitive Linguistic*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.

ERMAN, B; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. *Linguistic: an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin, p. 29-62, 2000.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge University Press, 1997.

GONÇALVES, C. A. *Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas*. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.31-50, jan./jun. 1998.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

JUNIOR, R. de F.; ALONSO, K. S. B. Representação de redes construcionais: o caso de [(X) VSN]FOC no PB. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Volume Especial, dez de 2016, p.114-127.

JUSTINO, Agameton Ramsés. Construções focalizadoras x que só no português brasileiro. 2018. 147 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago, University of Chicago, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. *Investigations in cognitive grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

LONGHIN, Sanderleia Roberta. As construções clivadas: uma abordagem diacrônica. 1999. 195 f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.

LONGHIN, Sanderleia Roberta. A gramaticalização da perífrase conjuncional ‘só que’. 2003. 212 f. Tese (doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.

MARANHÃO, L. *Que só*. 2. ed. Recife: CEPE Editora, 2013.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. C. *Linguística centrada no uso: Teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

SILVA, J. R. *O grau em perspectiva: Uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2015.

TAYLOR, J. R. *Linguistic Categorization. Prototypes in Linguistic Theory*. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 1995.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. The *status* of onset contexts in analysis of micro-changes. In: KYTÖ, Merja. *English Corpus Linguistics: Crossing Paths*. [s. .]: Rodopi, 2008.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. Gradience, gradualness and grammaticalization: How do they interact?. In: Traugott, E. C.; Trousdale, G. (eds.). *Gradience, gradualness and grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TOMASELLO, M. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Cambridge/Longdon: Harvard University Press, 2003.

VENÂNCIO, E. N. A. Instanciações da microconstrução [prá lá de X] no Português Contemporâneo. *Revista de Estudos da Linguagem*, Niterói, n. 1, p. 167-178, 2014. Trabalho apresentado no 5º Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF (SAPPIL).

Abstract

The constructional network of the focus scheme [que só] in Brazilian Portuguese

Language meanings are subjectively constituted in communication practices, within the scope of semantic, and pragmatic domains. In this perspective, grammar can be characterized as a network of constructions in constant changes, whose analyzes carries until the limit the inseparable relationship between form and meaning constituted in language usage. In turn, the linguistic change is inherent to the functioning of the language, occurring in a gradual, radial and inseparable way from usage contexts. Thus, in this article, from a constructional approach, based on Construction Grammar's propositions, represented especially by Langacker (2009), Goldberg (1995; 2006), Bybee (2006; 2010; 2015), Traugott e Dasher (2005), Traugott (2008), Traugott e Trousdale (2010; 2013), Diessel (2015), Oliveira e Rosário (2015), among others, we analyzed the focus construction scheme [que só] in contemporary Brazilian Portuguese. Focusing is a construction, an abstract entity constituted by pairings of form and meaning and presupposes the domains of emphasis, contrast, and intensification of world knowledge shared by speakers. The constructions [que só] works in pragmatic function of focus, and their constitution arises from the combination of two recurrent focus structures in the Portuguese language. We define the subschemas and usage contexts of Micro constructions derived from the scheme [que só] at the semantic, syntactic, and discursive-pragmatic levels. The degrees of abstraction from focusers usages are also described. The results demonstrate a superposition of the comparison and intensification domains, revealing a kind of focusing superschema in contemporary Brazilian Portuguese.

Keywords: Construction Grammar. Focusing Constructions. [Que só].